



**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FATECS**  
**CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**HABILITAÇÃO: JORNALISMO**  
**ÁREA: TELEVISÃO**

**ESTUDO DA COBERTURA DO CASO ELOÁ REALIZADO PELA REDETV!**

**ANA CAROLINA KLESZCZ DE CARVALHO**  
**RA: 2060474-0**

**PROF. ORIENTADOR**  
**CLÁUDIA BUSATO**

Brasília, 26 de novembro de 2009.

**ANA CAROLINA KLESZCZ DE CARVALHO**

**ESTUDO DA COBERTURA DO CASO ELOÁ REALIZADO PELA REDETV!  
UMA ANÁLISE DO PROGRAMA DA SÔNIA ABRÃO DURANTE A COBERTURA  
DO SEQUESTRO**

Monografia apresentada como um dos  
requisitos para conclusão do curso de  
Jornalismo do UniCEUB – Centro  
Universitário de Brasília.  
Professora Orientadora:  
Cláudia Busato

Brasília/DF, 26 de novembro de 2008

**ANA CAROLINA KLESZCZ DE CARVALHO**

**ESTUDO DA COBERTURA DO CASO ELOÁ**  
**UMA ANÁLISE DO PROGRAMA DA SÔNIA ABRÃO DURANTE A COBERTURA**  
**DO SEQUESTRO**

Monografia apresentada como um dos  
requisitos para conclusão do curso de  
Jornalismo do UniCEUB – Centro  
Universitário de Brasília.  
Professora Orientadora:  
Cláudia Busato

**Banca examinadora:**

---

**Prof (a). Cláudia Busato**  
**Orientador (a)**

---

**Prof (a). Luiz Cláudio Ferreira**  
**Examinador (a)**

---

**Prof (a). Sérgio Euclides**  
**Examinador (a)**

**Brasília/DF, 26 de novembro de 2009**

Dedico esta Monografia de Conclusão de Curso aos meus pais e amigos que apoiaram meu tema desde o início e me encorajaram a desenvolver o projeto.

## **AGRADECIMENTOS**

Meus sinceros agradecimentos vão para minha orientadora Cláudia Busato, que me incentivou para que minha monografia se concretizasse da forma que eu imaginava. Seus excelentes conselhos me guiaram para que pudesse realizar uma análise produtiva do Caso Eloá a partir de pesquisas bibliográficas e entrevistas. Agradeço também ao jornalista e estudioso da mídia Danilo Angrimani e o sociólogo Antônio Testa que aceitaram participar deste trabalho e, dessa forma, enriquecer a pesquisa.

## RESUMO

Esta monografia é uma análise da cobertura realizada pelo programa *A Tarde é Sua* sobre o sequestro da adolescente Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, que ocorreu em outubro de 2008. A jovem foi mantida refém por mais de 100 horas pelo ex-namorado Lindemberg Alves, 22 anos, na própria casa - num conjunto habitacional na periferia de Santo André, no ABC paulista. A monografia é composta por três capítulos. O primeiro aborda o conceito de ética e sensacionalismo da mídia, onde foram realizadas comparações com o sequestro e iniciada a análise. A partir do segundo capítulo, o programa *A Tarde é Sua* é apresentado, assim como os conceitos de telejornalismo e suas comparações com o caso. O último capítulo é sobre a análise e contextualização das entrevistas realizadas com Antônio Testa e Danilo Angrimani, resgatando o que foi abordado nos capítulos anteriores. A metodologia utilizada para realizar a monografia é o Estudo de Caso, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, cujo principal objetivo é estudar de que forma e em que medida a mídia contribuiu (ou não) para a morte de Eloá. A escolha deste tema é de interesse tanto do profissional jornalista e estudantes da área quanto do próprio telespectador. A importância dessa análise tem como intuito discutir a qualidade das notícias que são passadas para o público e também se a entrevista da Sônia Abrão com o sequestrador poderia ter atrapalhado nas negociações da polícia ou feito com que Lindemberg desistisse de libertar a refém.

**Palavras-chaves:** Caso Eloá, Contato, Sonia, Abrão, Lindemberg.

## SUMÁRIO

### Conteúdo

1. INTRODUÇÃO .....	8
2. “BANIR A EMOÇÃO DA INFORMAÇÃO É BANIR A HUMANIDADE DO JORNALISMO” (EUGÊNIO BUCCI) .....	12
3. AUTORES DE CRIMES: PROTAGONISTAS DAS MATÉRIAS .....	21
4. “UM PROGRAMA DE TV NÃO MATA NINGUÉM” (DANILO ANGRIMANI) .....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
REFERÊNCIAS .....	38
APÊNDICE .....	40
1. Entrevista realizada por e-mail nos dias 1 e 2 de setembro de 2009 com Danilo Angrimani, autor do livro <i>Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa</i> .....	40
2. Entrevista realizada por e-mail no dia 22 de setembro de 2009 com o Sociólogo, Cientista Político e Antropólogo Antônio Flávio Testa, também especializado na área de Violência, .....	46
ANEXO .....	48

## 1. INTRODUÇÃO

A adolescente Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, morreu em outubro de 2008, após ter sido mantida refém por mais de 100 horas na própria casa - num conjunto habitacional na periferia de Santo André, no ABC paulista - pelo ex-namorado Lindemberg Alves, 22 anos. A jovem foi vítima de dois disparos de arma de fogo efetuadas pelo sequestrador no momento em que a polícia invadiu o local.

A mídia realizou uma cobertura exaustiva do caso, desde os primeiros instantes do sequestro – segunda-feira (13/10/08) – até o momento da invasão dos policiais no apartamento da jovem – sexta-feira (17/10/08).

No entanto, a jornalista e apresentadora Sônia Abrão, do programa *A Tarde É Sua*, transmitido pela emissora RedeTV!, entrou em contato com o sequestrador Lindemberg na tarde de quarta-feira (15/10/08), com o intuito de “tentar uma negociação” e convencê-lo a libertar as adolescentes. O programa é transmitido de segunda à sexta-feira, a partir das 15h05.

Pouco antes de iniciar a programação, o repórter Luiz Guerra conseguiu conversar com o rapaz, contudo cometeu um erro ao se identificar apenas como “amigo da família”. De acordo com Marcio Campos, em seu livro *A tragédia de Eloá: uma sucessão de erros*, Lindemberg ficou desconfiado e insistiu que a pessoa dissesse a verdade, até que o repórter cedeu (CAMPOS, 2008, p.39).

Como a produção queria uma entrevista com o rapaz, por que mentiram e não se identificaram logo de início? Será que a interferência da mídia não pode ter causado um sentimento de “onipotência” em Lindemberg e interferido nas negociações entre ele e os policiais?

De acordo com um depoimento de Nayara Silva, amiga de Eloá e também vítima do sequestro, o rapaz acompanhava todos os passos da polícia através da televisão, agredia as meninas e dizia “ser o príncipe do gueto”.

Após uma breve entrevista com o repórter Luiz Guerra, Lindemberg aceitou conversar ao vivo com Sônia Abrão. No programa, a apresentadora insistia que “ele é um homem bom”, “a vida é maravilhosa e ele não precisava terminar desse jeito”, “que a mídia está cobrindo o caso e que ninguém iria machucar ele”, enfim.

Dessa forma, a monografia tem como pergunta “de que forma e em que medida a mídia contribuiu para o desfecho trágico do episódio?”. A fim de abordar o tema, os principais pontos a serem analisados nesta monografia serão a cobertura jornalística, a ética e o sensacionalismo, especificamente do programa *A Tarde é*



*Sua*, aplicando-se a metodologia de Estudo de Caso, por se tratar de uma pesquisa qualitativa.

Além do Estudo de Caso, conceitos e teorias como o *newsmaking* (produção de notícias) e a *news value* (valores-notícias), pois ambos tratam sobre a noticiabilidade também foram utilizados. Segundo Golding, “os valores-notícias são qualidades dos acontecimentos ou da sua construção jornalística, cuja presença ou ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo” (Golding apud Wolf, 1999, p.196).

A noticiabilidade é um conjunto de critérios e operações que controla, analisa a qualidade dos acontecimentos. Dessa forma, o *news value* analisa quais são os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes e que possam ser transformados em notícia.

O principal objetivo é tentar descobrir de que forma e em que medida a mídia contribuiu (ou não) na morte da adolescente Eloá Pimentel. Saber se a interferência do programa *A Tarde é Sua* atrapalhou as negociações com o sequestrador, pois, de acordo com as gravações, Lindemberg disse que iria libertá-las num determinado horário, mas que depois ficou confuso.

A partir disso, será também analisado também se o programa da Sônia Abrão desrespeitou o item IV do artigo 7 do Código de Ética dos Jornalistas. De acordo com o item, o jornalista não pode expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais.

Dentre os objetivos, destaca-se estudar também se a interferência da mídia não causou um sentimento de “onipotência” no sequestrador; analisar os pressupostos de uma cobertura jornalística séria, abordando para isso a ética, o sensacionalismo, *newsmaking* e *news value*; analisar os programas da Sônia Abrão entre os dias 13 e 17 de outubro de 2008, principalmente nos momentos de contato com o sequestrador e com a vítima; realizar entrevistas para debater o papel da mídia e as interferências cometidas para conseguir “conversas exclusivas com o sequestrador”, entrar em contato com a Sônia Abrão; sondar a partir dos depoimentos se Lindemberg teria se entregado caso não tivesse concedido entrevista ao vivo para o programa da RedeTV!.

A escolha deste tema foi feita a partir de duas aulas que a pesquisadora teve durante o curso de Jornalismo. “Ética e Legislação em jornalismo” e “Crítica da Mídia”, ambas com o professor Sérgio Euclides.

A motivação surgiu a partir de leituras e discussões durante as aulas sobre como os fatos são reportados pelos jornais, independentemente do meio de comunicação. E perguntas, não apenas para o tema escolhido, mas para matérias no geral foram feitas ao longo dos semestres. “Qual é a verdadeira função do jornalista?”, “Como a mídia deve noticiar os fatos sem cair no sensacionalismo?”, “Qual a credibilidade que os jornalistas sensacionalistas têm com o público?”.

O caso Eloá conseguiu maior repercussão na mídia e transformou o sequestro - por razões passionais - num grande Big Brother com transmissões ao vivo e entrevistas “exclusivas” com Lindemberg.

Por se tratar de um tema atual, a pesquisa é de interesse tanto da própria mídia, profissionais da área e estudantes de jornalismo quanto para os telespectadores de programas sensacionalistas.

Neste caso, o interesse atinge aos profissionais e estudantes da área, pois é a partir de situações semelhantes em que é possível discutir a qualidade da informação que é passada para o público e qual o interesse da mídia ao noticiar o fato. Com isso, é possível criar discussões sobre qual tipo de jornalismo tem credibilidade junto a população: o dito sério ou o sensacionalista.

A ética e o sensacionalismo são os principais temas a serem discutidos. Como no caso Eloá, a apresentadora Sônia Abrão entrou em contato diversas vezes com o sequestrador, é importante que faculdades de jornalismo discutam em aulas sobre a importância de noticiar o fato sem rodeios e de não cair na “tentação” do sensacionalismo a fim de aumentar o índice de audiência sem nada contribuir com a situação.

A escolha do tema atinge também ao próprio telespectador, pois este deve saber exigir informação de qualidade e não se deixar levar e aceitar tudo o que é mostrado pela televisão, especificamente. A importância de o público saber exigir a qualidade dos programas e telejornais significa que o próprio público é de qualidade (conclusão feita a partir de debates promovidos na aula Crítica da Mídia).

A intensidade na qual a monografia deverá atingir ao público interessado é de provocar nas pessoas questionamentos sobre até onde o jornalismo é ético e quando ele deixa de sê-lo. A importância é causar, principalmente aos profissionais

e estudantes da área, uma visão mais crítica sobre o dever do verdadeiro profissional jornalista.

É preciso pensar nas consequências que uma notícia pode trazer para o cidadão, tanto para aquele que acompanha o caso quanto para o que faz parte do fato que está ocorrendo. É possível que a apresentadora Sônia Abrão tenha tido essa “intenção” de conseguir a liberdade da refém, contudo, como jornalista, o dever desta profissional é apenas informar a população sobre o caso e não tentar fazer papel de polícia, negociador, psicólogo ou qualquer outra área, transformando uma tragédia num espetáculo.

O primeiro capítulo aborda o estudo e a comparação entre o conceito de ética e sensacionalismo na mídia, primeiro momento em que o Caso Eloá começa a ser analisado. Em sequência, o segundo capítulo apresenta o programa *A Tarde é Sua* e trata sobre o telejornalismo dito sério e o sensacionalista. Por fim, o último capítulo reúne entrevistas com o sociólogo, cientista político e antropólogo Antônio Flávio Testa, também especializado na área de Violência; e com Danilo Angrimani, autor do livro *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*, em que ambos os entrevistados analisam a cobertura do sequestro feita pelo programa da Sônia Abrão.

## 2. “BANIR A EMOÇÃO DA INFORMAÇÃO É BANIR A HUMANIDADE DO JORNALISMO” (EUGÊNIO BUCCI)

Entre os dias 13 e 17 de outubro de 2008, a mídia brasileira realizou uma cobertura exaustiva no sequestro mais longo já acompanhado pelos jornais: o da adolescente de Santo André, do ABC paulista, Eloá Cristina Pimentel, 15 anos. Diversos veículos acompanharam o acontecimento exibindo imagens gravadas ou fotografadas do sequestrador com as vítimas dentro do apartamento.

Contudo, especificamente o programa *A Tarde É Sua*, exibido na emissora da RedeTV! pela jornalista Sônia Abrão, resolveu ir além. Na quarta-feira (15/10) a produção entrou em contato diretamente com o celular do sequestrador Lindemberg, com o intuito de “ajudar nas negociações” e convencê-lo a libertar a adolescente. No entanto, esta não é a função de um jornalista, mas de um policial ou negociador profissional. Qual seria então a intenção da jornalista? Aumentar a audiência ou provocar exageradamente emoção no telespectador com uma matéria para mexer com seus sentimentos?

De acordo com a definição de Danilo Angrimani, autor do livro *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*, “sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento” (ANGRIMANI, 1995, p. 16).

Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. (idem)

Assim como afirma o autor, sensacionalismo é uma forma, um gênero diferente de passar uma informação, utilizando-se do clichê como linguagem principal. O jornalista tem como objetivo tocar, sensibilizar o receptor da notícia, seja na forma de narrar o acontecimento ou através da exibição de imagens (fotos ou filmagens). “O repórter tem que provocar emoção, precisa narrar em tom dramático” (ANGRIMANI, p. 40).

Assim como Angrimani, Jean-Jacques Jaspers, autor do livro *Jornalismo televisivo*, o sensacionalismo é uma forma tentadora de conseguir elevar a audiência, pois, além de ser de fácil entendimento, é um estilo “jornalístico” que não exige reflexão, pois a imagem dos acontecimentos diz por si só.

[...] a multiplicação das imagens e aumento da competição pelas audiências levou os programadores a elevar o limiar da censura na escolha das

imagens e a sobrevalorizar o registro do emocional: o sangue, o infanticídio, a decomposição dos corpos, a copulação, o desespero, a doença, a fealdade, o ódio deixaram de ser tabú (JESPERS, p. 73).

O tom dramático desperta vários sentimentos nas pessoas, seja a emoção, seja a revolta, por exemplo. Dessa forma, o receptor da notícia consegue se prender com mais facilidade ao que é transmitido.

Completando a definição de Angrimani, um dos autores do livro *Comunicação e sociedade do espetáculo*, Jaime Carlos Patias, explica que o sensacionalismo “tende a explorar o extraordinário, o anormal, o *fait divers*, utilizando-se da linguagem do espetáculo e imagens chocantes que prendem a atenção do público” (PATIAS, 2006, p.81).

*Fait divers* é uma expressão de origem francesa que significa “fatos diversos”. “O *fait divers*, como informação auto-suficiente, traz em sua estrutura imanente uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, [...] espetáculo, para causar uma tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte” (ANGRIMANI, p 26).

No jornalismo sensacionalista, o *fait divers* tem como objetivo atrair a atenção do leitor para a manchete do jornal ou um interesse elevado pela matéria veiculada através da televisão. O próprio jornalista é seduzido para incluir “efeitos de *fait divers*” nas matérias. O que seduz o profissional, na verdade, é o anseio de conseguir um furo de reportagem ou elevar o índice de audiência de um telejornal.

Na obra *A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia*, Juremir Machado da Silva explica que as mensagens [são] embutidas em episódios superficiais. Para alcançar o consumidor (leitor/telespectador), é preciso seduzir ou ludibriar o intermediário, o jornalista (SILVA, 2000, p. 39).

Já um jornal analítico-informativo não tem o mesmo estilo de noticiar como um jornal sensacionalista. A matéria relata com objetividade o fato ocorrido, ao contrário do segundo. Em telejornais que utilizam a linguagem sensacional, muitas vezes as reportagens são editadas e “apresentadas como se fossem ‘capítulos’ de novela”, onde as imagens são repetidas diversas vezes e personagens (geralmente testemunhas) aparecem para dar entrevistas (ANGRIMANI, 1995, p.40).

O telejornal sensacionalista não pode ter equilíbrio entre o signo e o clichê. A apresentação deve ser chocante, exigindo o envolvimento emocional do público. Haveria mais gente chorando (às vezes, o repórter também se “emociona” e chora com os personagens principais da notícia). (ANGRIMANI, p.41)

No entanto, não se pode generalizar e dizer que somente jornais populares utilizam o *fait divers* para noticiar o fato. Jornais considerados sérios não estão

“completamente livres de assumir características tipicamente sensacionalistas, além de espetaculares” (PATIAS, p. 82). Assim como não se pode afirmar que não há informação em notícias sensacionalistas. A informação está presente. O que difere um estilo de jornal para o outro é a forma como a notícia é passada e a “intensidade” da informação.

Jaime Carlos Patias explica no artigo “O espetáculo no telejornal sensacionalista”, publicado no livro *Comunicação e sociedade do espetáculo*, a diferença entre telejornais tradicionais – utilizando-se como exemplo o Jornal Nacional, transmitido pela Rede Globo – e sensacionalistas – como, por exemplo, o Brasil Urgente, transmitido pela Rede Bandeirantes.

No telejornal tradicional, como é o caso do *Jornal Nacional* (JN), produzido e exibido em horário nobre pela Rede Globo, os apresentadores ficam sentados atrás de uma bancada (mesa), de onde, seguindo o *script*, anunciam as manchetes e desenvolvem as matérias, chamando os repórteres com frases bem elaboradas e linguagem objetiva. [...] A comunicação não-verbal – movimentação das mãos, expressão facial, olhar – é discreta, e até o cabelo e a roupa devem seguir um padrão de qualidade determinado. [...] No telejornal sensacionalista, a forma de ancoragem é outra. Ao invés de ficar sentado, o apresentador fica em pé no estúdio, tendo atrás de si um cenário arrojado, formado por monitores de TV, por onde ele acompanha a exibição das imagens, comunica-se pelo ponto eletrônico com direção técnica do programa, pede a repetição de imagens, dá ordens, gesticula com as mãos, abusa de expressões faciais, movimenta-se com liberdade pelo estúdio [...] José Luiz Datena, apresentador do *Brasil Urgente* da Bandeirantes, por exemplo, xinga os acusados usando expressões como: ‘vagabundo’, ‘safado’, ‘sem-vergonha’ etc”. (PATIAS, p. 84-85)

Falar sobre criminalidade e violência é difícil, pois é preciso saber como noticiar o fato, de forma que não extrapole a informação e não a transmita com frieza. Conseguir um ponto de equilíbrio, entre a emoção e a objetividade, seria o ideal para captar o interesse do leitor ou telespectador.

A maioria dos jornalistas, segundo a autora do livro *Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*, Silvia Ramos, afirma que não procura criminosos como fonte para não dar voz ao bandido. Entretanto, diz a autora, essa é uma determinação que não deve ser considerada como verdade absoluta (RAMOS, 2007, p.57).

A imprensa não deixou de publicar entrevistas com criminosos. O autor de um crime de grande repercussão – pela sua crueldade, audácia ou por atingir personalidades ou pessoas indefesas, como crianças e idosos – continua a ser procurado por jornalistas, interessados em “ouvir o outro lado”, obter informações que possam esclarecer o crime ou compreender as motivações do ato criminoso. (idem)

Esse “outro lado” acaba, muitas vezes, sendo mais interessante para os leitores/ telespectadores que o próprio fato, já que será a versão contada pelo criminoso. Saber como foi no momento da morte (ou outros tipos de violência), o que ele sentiu quando atacou a vítima, se está arrependido pelo que fez, são perguntas para as quais acompanharam o caso gostariam de obter resposta. “Autores de crimes são protagonistas de fatos que interessam à sociedade e, portanto, podem ser ouvidos – desde que de forma cuidadosa, sem ingenuidade ou impulsividade” (ibidem, p. 58).

Assim como Silvia Ramos, Eugênio Bucci explica em seu livro como os personagens “reais” se tornam “fabricados”, isto é, “reais porque de fato têm lugar no mundo dos mortais, como pessoas de carne e osso. Fabricados (e falsos) porque sua composição segue uma coerência mais dramática do que propriamente factual”. (BUCCI, p. 142)

O telejornalismo não registra os acontecimentos em si, mas as imagens dos acontecimentos. E são as imagens que determinam quais serão os temas do debate público. [...] Quando o jornalismo emociona mais do que informa, tem-se aí um problema ético, que é a negação da sua função de promover o debate das idéias no espaço público. (BUCCI, p.144-145)

Dessa forma, a televisão tem uma grande responsabilidade de influenciar a produção imaginária do telespectador e, conseqüentemente, no aumento da produção da violência (BUCCI, 2004, p. 87/88.). Atualmente, assim como descreve Bucci em *Videologias*, as pessoas estão acostumadas com a programação e com o que é divulgado na televisão. “Vamos nos acostumando à violência, como se fosse a única linguagem eficiente para lidar com a diferença; vamos achando normal que, na ficção, todos os conflitos terminem com a eliminação ou a violação do corpo do outro”. (BUCCI, p.89).

De acordo com o jornalista, ao menos nos últimos trinta anos desde a criação da televisão, o que mais o preocupa e afeta todas as modalidades do laço social é o surgimento da violência do imaginário (p. 87).

Não me refiro à violência *representada pelas imagens* televisivas, nem a uma versão imaginária da violência, mas a um modo de violência que é próprio do funcionamento imaginário, e que incide de forma quase hegemônica sobre as culturas em que a televisão tem um lugar muito predominante. [...] eu sustentaria a tese de que, nas sociedades regidas pela cultura de massa - a cultura de massa é uma formação predominante na nossa sociedade e, nela, a tirania da imagem é avassaladora -, há, sim, um tipo de violência que é *própria do funcionamento do imaginário em si*. Essa violência do imaginário tem, sim, relações com os padrões de comportamento na vida real, mas não há aí uma relação de causa e efeito.

E, mais ainda, a violência do imaginário independe dos *conteúdos* que as imagens da cultura de massas apresentam. (BUCCI, p.87-88)

Nesta obra, o autor cita o tema “banalidade do mal”, escrito pela pensadora Hanna Arendt. Conforme descreve, o mal absoluto “não é o mal produzido com intenções malignas, não é o mal produzido a partir da perversão de alguém, é o mal que vem da superfluidade do ser humano, da ausência de reflexão, da banalização da nossa condição humana” (BUCCI, p. 91).

Quem acompanhou o Caso Eloá notou que os telejornais procuravam detalhar o máximo de informação possível sobre o andamento das negociações e da integridade física das reféns. Mesmo sem ocorrer muitas novidades durante os cinco dias de sequestro, os jornalistas permaneceram de plantão no local para conseguirem noticiar ao vivo o resgate das jovens ou alguma ação policial.

Um caso parecido como este ocorreu no dia 12 de junho de 2000 no Rio de Janeiro, o do ônibus 174. Um homem assaltou o veículo e manteve onze pessoas reféns por mais de quatro horas. O sequestro foi transmitido ao vivo pela televisão para todo o país. Policiais tentaram negociação com o rapaz durante horas, contudo, o desfecho foi trágico. Uma das reféns e o próprio assaltante acabaram mortos.

Bucci afirma em *Videologias* que ouviu muita gente perguntando: “teria sido a mesma coisa se a televisão não estivesse ali, transmitindo tudo ao vivo?” (p. 93). Para ele, a dúvida tem razão de ser. E muito provável, pode se encaixar no episódio do sequestro da jovem de Santo André, no ABC paulista.

No caso Eloá, o sequestrador virou o protagonista da história, pois jornalistas, policiais, negociadores e outros envolvidos procuravam-no, seja para obter uma exclusiva (como o caso da jornalista Sônia Abrão) ou a fim de conseguir a liberdade das reféns.

Outra característica do gênero sensacionalista é descrever os crimes com riqueza de detalhes, além da constante repetição do fato, imagens, entrevistas e comentários. O telejornal não se limita a informar que em tal lugar, Fulano de Tal matou Beltrana depois de estuprá-la. É preciso entrevistar o assassino para que ele descreva detalhadamente como foi o crime [...] (PATIAS, p.101)

Enquanto o telespectador acompanhava o drama pelo programa *A Tarde é Sua* e conferia o próprio Lindemberg descrevendo a situação, não imaginava que por trás dessa interferência da mídia o rapaz poderia mudar seu comportamento.

Durante a exibição do *A Tarde é Sua*, no momento em que tentavam estabelecer contato com o sequestrador, a produção da Sônia Abrão cometeu o erro de mentir para o rapaz no momento da identificação. Por telefone, o repórter Luiz



Guerra alegou que era um amigo da família de Eloá e que tanto ele quanto a família da jovem estavam preocupados com a integridade física dela. Contudo, tanto a ligação quanto a mentira deixaram Lindemberg nervoso.

O sequestrador desconfiou da mentira do repórter, pois além deste ter se identificado apenas como amigo da família, Luiz Guerra hesitou em informar qual era o seu nome. Após Lindemberg perguntar duas vezes quem estava no telefone, o repórter cedeu e contou a verdade.

Esse tipo de programa, como mostra Eugênio Bucci, “saciam curiosidades perversas e até mórbidas tirando sua matéria-prima do drama de cidadãos humildes”. (BUCCI, 2000, p. 156)

[...] A polícia chega atirando; a mídia chega filmando. As taras sexuais dos miseráveis são transformadas no prato do dia nos banquetes do sensacionalismo; as mortes trágicas viram show; as traições conjugais se transformam em comédia chula dos programas de auditório. (idem)

Geralmente, como alega Angrimani (1995, p. 53), leitores e telespectadores de jornais sensacionalistas têm uma formação cultural precária, ao contrário de pessoas cultas, que têm formação intelectual superior. A diferença entre ambos os casos é que o primeiro está mais próximo dos instintos humanos, isto é, sente a necessidade de “acompanhar de perto” o que está acontecendo, independente do tipo de linguagem.

“A morte ‘como espetáculo’ (expressão do sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard) interessa a todos, igualmente, independente do nível cultural ou econômico de cada pessoa” (ANGRIMANI, p.54). Isto é, o que muda na forma de passar e receber a mensagem é apenas a linguagem, já que o conteúdo é de interesse público.

Mas como então discutir se jornais sensacionalistas estão sendo éticos ou não se o que os faz diferentes é apenas a linguagem e o público-alvo? Como explica Bucci, “discutir ética só faz sentido se significar pôr em questão os padrões de convivência entre as pessoas, individualmente, e de toda a sociedade no que se refere ao trato com a informação de interesse público e com a notícia” (BUCCI, p. 32).

Na perspectiva do jornalismo sensacionalista, é preciso envolver o público com a notícia. Independente do que aconteceu – sejam casos de sequestro, estupro, morte – as pessoas querem saber mais. Informação além da informação. Como está a família da vítima? Como ela era? O que realmente aconteceu?

Passar a informação de um fato delicado com frieza e prezando apenas a objetividade, não atrai o público. Isso não quer dizer que os receptores da notícia sejam sedentos por sangue ou violência. O ser humano é movido pelo sentimento. Sendo assim, dependendo da maneira como se transmite uma notícia, a pessoa se sensibiliza de forma que ela se coloca no lugar – seja da vítima ou de sua família – e se solidariza com a situação.

Banir a emoção da informação é banir a humanidade do jornalismo. E é banir o público. Os leitores, internautas, ouvintes e telespectadores reagem emocionalmente – com indignação, com surpresa, com asco ou comiseração – aos acontecimentos. Não se trata de irracionalismo. (BUCCI, p. 95)

Contudo, é preciso tomar cuidado para não usar a situação para aumentar o índice de audiência ou a venda de jornais. Voltando ao caso Eloá, no momento em que a jornalista Sônia Abrão entra em contato com o sequestrador e conversa com ele e com a adolescente durante vários minutos, é praticamente impossível afirmar que a intenção dela tenha sido “apenas” tentar negociar a liberdade da refém.

[...] o sensacionalismo é eticamente reprovável. Sensacionalismo, atenção, não é sinônimo de ‘jornalismo popular’, como se costuma acreditar. [...] Sensacionalismo é o jornalismo que se curva ao preconceito, intensificando-o. O jornalismo toma por objeto realidades normalmente envoltas em preconceito – a criminalidade e a sexualidade, por exemplo – pode muito bem ter um efeito educativo, que contribui para a consciência dos direitos e do respeito às diferenças. (BUCCI, p. 154)

O principal objetivo, assim, parece ter sido o de elevar os pontos de audiência e, claro, conseguir uma entrevista exclusiva com o sequestrador. Como ilustra o autor, é preciso tomar cuidado e saber “diferenciar o que é interesse público do que é curiosidade perversa do público (que pede o escândalo pelo escândalo, doa a quem doer)” (BUCCI, p. 155). O telejornal sensacionalista, segundo Jaime Patias, além de vender a violência, vende a ilusão de resolver problemas (PATIAS, p. 86-87).

Ao que parece, a televisão é o meio de comunicação que mais influencia a população brasileira. Não é preciso ser alfabetizado para entender o que o jornalista noticia, já que não é necessária leitura da matéria. No entanto, é preciso ser previdente com o que é veiculado. O cidadão comum não dispõe de meios para correr atrás de uma notícia transmitida e constatar a veracidade da informação. Este é dever do jornalista. A população (leitores, telespectadores, ouvintes) acredita no que está ao seu alcance e no que é divulgado. Dessa forma, em busca da audiência e de tentar passar a concorrência, “a televisão comanda, em função do interesse do

público, e os demais meios de comunicação, obrigados a segui-la, em nome da concorrência, mergulham na vulgaridade”. (SILVA, p. 38)

De acordo com o autor, a maioria das novidades veiculadas está no grau zero da informação. Isto é, não há um aprofundamento na informação. Se há esse “aprofundamento”, geralmente ocorre em matérias sensacionalistas, onde se divulga mais do que o necessário, com o intuito de aumentar o lobo.

O interesse pelo nível de audiência, não mergulha apenas o jornalismo na vulgaridade. Como esse é o principal objetivo de apresentadores de programas televisivos – principalmente aqueles com teor sensacionalista –, “a mídia abre mão de regras básicas do bom jornalismo: ouvir todas as partes envolvidas, conferir as informações antes de divulgá-las, e, principalmente, não condenar previamente suspeitos ou acusados” (PATIAS, p. 97).

Assim como Bucci, Bill Kovach e Tom Rosenstiel, autores do livro *Os elementos do jornalismo*, criticam e comparam como deve ser o verdadeiro jornalismo. Para eles, a atividade é como a cartografia moderna, onde são criados “mapas para que os cidadãos naveguem através da sociedade” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 249).

Jornalistas que dão mais tempo e espaço para um julgamento sensacional ou um escândalo de alguma celebridade, sabendo que esses assuntos não merecem tanta atenção - no fundo, só querem vender - são como os cartógrafos que desenharam a Inglaterra e a Espanha do tamanho da Groenlândia porque a idéia era popular. Isso pode fazer sentido numa visão econômica de curto prazo, mas desorienta o viajante e eventualmente destrói a credibilidade de quem faz mapas. (idem)

Jornais sensacionalistas dificilmente têm credibilidade da população, com exceção apenas de pessoas com níveis sócio-culturais e econômicos mais baixos, que não diferenciam os tipos de divulgação de uma notícia. Kovach e Rosenstiel ainda indagam qual deve ser a responsabilidade do cidadão telespectador.

Uma resposta freqüente dos jornalistas é que se a imprensa está falhando, se inclinando ao sensacionalismo ou ao chamado 'infoainment', então essas falhas no fim são culpa da população. Se as pessoas quisessem um jornalismo melhor, dizem os jornalistas, o mercado poderia fornecê-lo. (ibid, p. 288-289)

Apesar da dificuldade que os jornais sensacionalistas têm para conseguir a credibilidade da população, há um detalhe importante: notícias sobre violência ou que apelam para o lado emotivo sempre atraem o público com baixo conhecimento cultural, seja pela linguagem mais fácil, coloquial, seja pelo fato sensacional.

Na verdade, a curiosidade atinge todas as classes sociais e o sensacionalismo aparece até mesmo em grandes telejornais, como, por exemplo, o *Jornal Nacional*, da Rede Globo. Nenhum meio de comunicação está isento de utilizar esse gênero jornalístico (ou parte dele) como forma para atrair o público, afinal, a maioria dos receptores da notícia não se interessa pela matéria em que não há emoção ou que seja puramente objetiva. É importante atingir o equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo, sintetizando a notícia com o fato e lidando com o sentimento do público.

### 3. AUTORES DE CRIMES: PROTAGONISTAS DAS MATÉRIAS

Durante os cinco dias de sequestro da jovem Eloá Pimentel, em Santo André, no ABC paulista, diversos veículos de comunicação acamparam ao redor do prédio a fim de acompanhar o caso e poder transmitir ao vivo detalhes sobre a negociação ou até mesmo a invasão policial e a prisão do sequestrador.

Um dos principais meios de comunicação e o mais acompanhado pela população brasileira, é a televisão. No livro *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*, o autor Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr explica que para a maioria das pessoas, os telejornais são a primeira informação que elas recebem do mundo que as cerca: como está a política econômica do governo, o desempenho do Congresso Nacional, a vida dos artistas, o cotidiano do homem comum, entre outras coisas (PEREIRA JR, 2000, p.10).

Na semana do dia 13 de outubro de 2008, todos os veículos de comunicação transmitiam o andamento do sequestro, tendo novidades ou não. Os telejornais mostravam imagens do prédio, da posição da polícia, de Eloá na janela com Lindemberg pedindo calma para os policiais ou por comida.

O repórter da TV Bandeirantes Marcio Campos<sup>1</sup> foi um dos jornalistas que cobriram o caso. Poucos meses após o crime, publicou o livro *A tragédia de Eloá: uma sucessão de erros*. De acordo com Campos, as equipes de produção e de outros repórteres conseguiram descobrir os números dos telefones de Lindemberg.

Durante o almoço, nossa equipe de produção e alguns poucos colegas conseguem os números dos telefones que são usados por Lindemberg para realizar as negociações. É claro que, como jornalistas, todos pensam em dar o tão sonhado “furo” de notícia, sair na frente, ligar primeiro e falar com o sequestrador. Mas não é isso que manda o manual de redação de um departamento de jornalismo responsável. E assim determinou a direção de jornalismo da emissora. Nenhum repórter, produtor ou apresentador estava autorizado a ligar para os números de telefones usados para negociar a rendição do criminoso e a liberação da vítima. [...] Mas alguns órgãos de imprensa pensaram ao contrário. Na RedeTV, pouco depois das duas da tarde, para surpresa de muitos e principalmente da polícia, o programa “A Tarde é Sua” apresentado por Sônia Abrão, anuncia uma entrevista exclusiva com Lindemberg Alves. No primeiro contato, quem conversa com o sequestrador é o repórter Luiz Guerra. A conversa é gravada e inicialmente ele não se apresenta como jornalista. (CAMPOS, 2008, p.38-39)

O programa *A Tarde é Sua* é apresentado pela jornalista Sônia Abrão, de segunda a sexta, às 14h05 no canal da RedeTV!. De acordo com informações

---

<sup>1</sup> A propósito, nos Anexos desta monografia encontra-se reproduzida a conversa entre o repórter Luiz Guerra com o sequestrador Lindemberg durante a exibição do programa *A Tarde é Sua*.

disponíveis no site oficial da emissora, o programa é construído “com base na informação qualificada, coloca em pauta notícias sobre artes, comportamento, política, saúde, economia, educação, objetivando a participação do público, a interação, a troca de idéias”. (Disponível em <http://www.redetv.com.br/portal/atardeesua>)

Num breve histórico sobre o currículo da apresentadora, o site informa que Sônia Abrão “é jornalista formada pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. A opção pelo jornalismo popular surgiu com o trabalho no Notícias Populares, com linguagem ágil, direta e objetiva”. (idem)

Para a jornalista, de acordo com informações retiradas do *site*, esta é uma nova forma de prestar serviço à sociedade, pois o programa reúne “um mix de assuntos artísticos, entrevistas com personalidades dos mais variados segmentos, inclusive o político, jornalismo-denúncia e investigativo, flagras e fofocas”. (idem).

Retornando ao Caso Eloá, como citado no capítulo anterior sobre ética e sensacionalismo, o programa agiu de forma sensacionalista enquanto estava no ar ao entrar em contato com o sequestrador, pois almejava conseguir uma “exclusiva” e “furar” os outros veículos de comunicação. Durante a exibição da conversa, tanto a polícia quanto o repórter Luiz Guerra e a apresentadora Sônia Abrão tentaram acalmar o rapaz e insistiram para que ele libertasse as meninas e se rendesse. Ambos tentaram passar a imagem de que Lindemberg não seria machucado, que tinha a proteção da polícia e que ele amava Eloá.

Entretanto, este papel cabe aos negociadores, não aos jornalistas. Heródoto Barbeiro descreve no livro *Manual de telejornalismo* sobre a função do profissional de comunicação em casos semelhantes.

O jornalista denuncia crimes à sociedade; quem apura e pune, se for o caso, é o Estado. O profissional de imprensa só relata um acontecimento ao delegado, promotor ou outra autoridade quando a vida de alguém corre perigo. O jornalista acompanha o trabalho das autoridades, não coopera (BARBEIRO, 2002, p. 23)

Durante a conversa com Sônia Abrão, o sequestrador comentou que tinha assistido aos noticiários e que ficava nervoso quando os repórteres informavam sobre os crimes que ele estava cometendo por conta da invasão da residência (CAMPOS, p. 59). Ao que parece, os telejornais, de uma forma geral, atrapalharam, confundiram os pensamentos de Lindemberg, deixando-o com medo do que aconteceria com ele caso libertasse Eloá, já que nesse momento, a outra refém já havia sido libertada.

De acordo com o jornalista Adamo Bazani que publicou o comentário *A imprensa ajudou a matar Eloá?*, no site do Observatório da Imprensa, Lindemberg ligava a televisão e conseguia acompanhar seu próprio sequestro. Para o autor, a “bendita guerra pelo furo, pelo lbope e por querer ser a primeira em tudo, foi um dos fatores que contribuíram para a morte de Eloá”. (Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=509FDS015>).

O mesmo pensa o professor e também jornalista Valério Bomfim em seu relato *A espetacularização da mídia*, também publicado no mesmo site no dia 28 de outubro de 2008. “[...] era óbvio que ele (Lindemberg) estava acompanhando tudo pela televisão e com essa atitude a mídia atrapalhou o sucesso da operação, mostrando a todo momento, em detalhes, passo a passo, as ações da polícia e seu posicionamento”. (Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=509FDS009>).

Para ambos profissionais, a cobertura 24h do sequestro e o contato estabelecido entre a apresentadora e Lindemberg, além de desnecessários, fizeram com que o rapaz aumentasse seu ego, sua ilusão de ator, já que tanto para ele quanto para os telespectadores que acompanhavam o desfecho, o crime pode não ter passado apenas de mais um capítulo de uma novela.

É o que explicam os jornalistas Vanderson Freizer, J.R Reicinaer e Steve Von Sherrie no artigo *Uma seqüência de erros*, também publicado no site do Observatório da Imprensa.

Deixar o acusado falar com a imprensa e manter por todo o tempo as equipes de reportagens próximas do local também são erros que devem ser atribuídos à polícia. Com o assédio da imprensa, o seqüestrador passou de um simples rapaz de 22 anos que mantinha a ex-namorada e sua amiga como reféns a “príncipe do gueto”, segundo palavras do próprio Lindemberg. Os meios de comunicação, que deram maior importância que o caso merecia, encorajaram o bandido e fizeram com que a situação ganhasse ainda mais tensão que já existia. (FREIZER. REICINAER. SHERRIE, 2008, <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=509FDS012>).

A produção do programa, no entanto, poderia ter acreditado que se um jornalista conversasse com o rapaz com calma e o convencesse de que ele estava protegido de qualquer ação da polícia, estariam fazendo o correto. Contudo, aquilo era um caso de sequestro onde havia vidas em perigo. O jornalista foi além de seu papel ao interferir nas negociações, seja impedindo a ação do negociador, agindo como um, ou até mesmo colocando a vida das pessoas mantidas reféns em risco.

O direito à vida está acima de tudo, ainda que impeça a divulgação de uma reportagem. Prevalece o artigo da Declaração Universal dos Direitos do Homem que diz que todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal... Casos de seqüestro, por exemplo, não devem ser divulgados quando houver pedido da família, autoridades ou a convicção de que a divulgação vai colocar em risco a vida da pessoa seqüestrada... Isso, porém, não deve ser motivo para que o jornalista abandone a apuração. (BARBEIRO, 2002, p. 25-26)

Assim como Barbeiro qualifica o ocorrido partindo da Declaração Universal dos Direitos do homem, Silvia Ramos relata no livro *Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil* que para parte dos meios de comunicação, a divulgação pode atrapalhar as negociações com os sequestradores e comprometer a integridade física das vítimas (RAMOS, 2007, p. 119).

Não há uma recomendação única a fazer em relação à cobertura de seqüestros. Tanto a divulgação do caso quanto a atitude de esperar a sua conclusão oferecem vantagens e desvantagens. O certo é que nessas situações, em que a vida de uma pessoa está em jogo, a imprensa deve colocar o bem-estar da vítima acima dos interesses jornalísticos, procurando avaliar, através do contato com a polícia e a família, que atitude tomar. (RAMOS, p. 125)

Atualmente, segundo Silvia, a maioria dos jornalistas não procura criminosos como fonte. Contudo, os “autores de crimes são protagonistas de fatos que interessam à sociedade e, portanto, podem ser ouvidos – desde que de forma cuidadosa, sem ingenuidade ou impulsividade”. (ibid, p. 58)

A imprensa não deixou de publicar entrevistas com criminosos. O autor de um crime de grande repercussão – pela sua crueldade, audácia ou por atingir personalidades ou pessoas indefesas, como crianças e idosos – continua a ser procurado por jornalistas, interessados em “ouvir o outro lado”, obter informações que possam esclarecer o crime ou compreender as motivações do ato criminoso. (ibid, p. 57)

Assim como o caso Eloá, a autora relembra a cobertura desastrosa do sequestro de Wellington José Camargo, irmão dos cantores Zezé di Camargo e Luciano. O rapaz, deficiente físico, foi seqüestrado em 16 de dezembro de 1998, em Goiânia. Os sequestradores exigiram R\$ 5 milhões pelo resgate.

Com o intuito de arrecadar o dinheiro para a libertação de Wellington, o apresentador do SBT, Ratinho, propôs a criação de uma linha 0900. No entanto, segundo relembra Silvia, no dia seguinte após a primeira tentativa, os sequestradores enviaram um pedaço da orelha do rapaz em uma caixa à retransmissora do SBT em Goiânia com um bilhete exigindo agilidade nas negociações.



Percebendo o erro, Ratinho se desculpou e preferiu se afastar do caso. No dia 30 de março, Wellington foi solto após a família ter conseguido pagar R\$ 300 mil pelo resgate. (RAMOS, p.123)

É importante que editorias de telejornais tenham cuidado com o que é divulgado e de que forma um fato é noticiado, principalmente se o acontecimento for um *fait divers*. Caso contrário, por melhor que sejam as intenções dos jornalistas ao noticiarem ocorrências chocantes, a matéria em si pode se tornar um espetáculo.

A televisão pode explicar, fazer partilhar, fazer sonhar, sensibilizar, chocar, suscitar a reflexão, a adesão ou a rejeição, anestesiá-lo ou excitar, mas ela faz tudo isso mostrando imagens, e fazendo ouvir sons concomitantes com a imagem. Por outras palavras, a televisão tem a propriedade de transformar qualquer realidade, qualquer conceito ou discurso em espetáculo. (JESPER, 1998, p. 68)

Como citado no capítulo anterior, matérias puramente objetivas, que não exploram o lado humano e emotivo nos acontecimentos, não prendem a atenção e o interesse do telespectador. As imagens são tão importantes quanto a narração do jornalista.

Na exibição do programa *A Tarde é Sua*, Sônia Abrão cometeu o erro de tomar partido da situação de Eloá para realizar a entrevista com o sequestrador e consequentemente elevar os pontos de audiência. De acordo com Daniel Cornu em *Ética da informação*, a necessidade jornalística de conferir aos acontecimentos um toque humano em nada justifica a exploração infame do sofrimento alheio (CORNU, 1998, p. 76). “Ela impõe o respeito às vítimas, às pessoas traumatizadas, tanto na cena dos acontecimentos como pelo reflexo da notícia divulgada nos meios de comunicação” (idem).

A função do verdadeiro jornalismo é contar um fato com uma finalidade, utilizando-se da objetividade para narrar com precisão o que realmente ocorreu (ou poderá ocorrer). Bill Kovach e Tom Rosenstiel em *Os elementos do jornalismo*, explicam que essa finalidade nada mais é que fornecer às pessoas informação que precisam para entender o mundo e tornar essa notícia significativa, relevante e envolvente (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 266).

O respeito à pessoa põe em jogo a responsabilidade do jornalista como indivíduo, tanto em seu comportamento na arena dos acontecimentos como no tratamento da informação. Coloca em questão a responsabilidade dos meios de comunicação enquanto organizações, na forma como utilizam textos e imagens. É a eles que pertence a liberdade de não difundir, de omitir certas imagens, de cortar, não por espírito de censura, mas por respeito às pessoas implicadas no acontecimento e à sensibilidade do público. Se é necessário dizer e mostrar algo horrível, raramente é

indispensável, para sua compreensão, a apresentação de um verdadeiro show de detalhes. (CORNU, p. 77)

Desligar a televisão ou mudar de canal para que programas com conteúdo inconveniente não atinjam o telespectador ou a sua família não são argumentos válidos para tentar melhorar a qualidade da programação (DI FRANCO, 1995, p. 37). A televisão é um dos meios de comunicação que mais influencia na formação de opinião da população brasileira. É importante que exista uma “reforma íntima” das emissoras para que busquem melhorar a qualidade do que é transmitido. Carlos Alberto Di Franco em *Jornalismo, ética e qualidade* exemplifica a importância de haver um respeito maior por parte dos meios de comunicação para com o receptor da notícia.

[...] é extremamente oportuna a discussão proposta pelo ministro das Comunicações, Sérgio Motta, a respeito do controle social dos meios de comunicação de massa. A proteção dos valores culturais e morais, sem os quais a sociedade entra em desagregação, é um ato de legítima defesa social. É indiscutível que o cidadão comum ganhou maior sensibilidade para os assuntos referentes à preservação do meio-ambiente. [...] Pois bem, se a intervenção do Estado de direito democrático se impõe no combate às práticas predatórias e à poluição ambiental, é igualmente necessária na defesa da sociedade contra os efeitos nocivos da contaminação moral e da descaracterização cultural. (DI FRANCO, 1995, P. 125-126)

Cenas ou notícias fortes geralmente atraem a atenção do telespectador e elevam os índices de audiência, principalmente em jornais com cunho sensacionalista. Cláudio Novaes Pinto Coelho e Valdir José de Castro ilustram o argumento em *Comunicação e sociedade do espetáculo*. De acordo com os autores, em debates sobre a exploração da violência na TV americana, a explicação é que “crime vende” (COELHO; CASTRO, 2006, p. 83). “Nessa linha, quanto mais violência no noticiário, maior a audiência, maior o preço do horário para anúncio e maior o retorno em publicidade” (idem).

O jornalismo sensacionalista tem como objetivo satisfazer as necessidades instintivas do público, onde o mais importante é a manchete, que faz o receptor se interessar pela notícia apenas por atração, sensação ou até mesmo por curiosidade, mesmo que o fato não vá acrescentar em nada sua visão dos acontecimentos ou na formação da sua opinião (ibidem, p. 83).

As notícias sobre criminalidade devem ser passadas com cautela para a sociedade, para que as pessoas tenham noção do índice de violência e criem sua própria opinião sobre o que está acontecendo no país. Os telejornais sensacionalistas podem transmitir os fatos, contanto que saibam como noticiar, sem colocar vidas em risco, atrapalhar negociações ou reviver por diversos programas a

dor de uma família que perdeu um ente querido. Saber noticiar tratando o fato com respeito às vítimas e aos familiares não fará o índice de audiência cair, pelo contrário, o telejornal terá mais credibilidade e aceitação do público.

#### 4. “UM PROGRAMA DE TV NÃO MATA NINGUÉM” (DANILO ANGRIMANI)

A metodologia utilizada para pensar “de que forma e em que medida a mídia contribuiu (ou não) para a morte da adolescente Eloá Pimentel em outubro de 2008”, é o Estudo de Caso. A escolha do referido método “permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (YIN, 2001, p.21). A intenção, ao escolher esta metodologia, é levantar discussão sobre os procedimentos da mídia, em especial o programa *A Tarde é Sua* e sua relação com a morte da adolescente, ou se a responsabilidade poderia ser atribuída apenas à ação da polícia e do próprio sequestrador.

Por se tratar de um fato real e transmitido em todo o país, cabe o estudo de caso. Assim como explica Robert Yin em seu livro *Estudo de Caso: planejamento e métodos*, “é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes” (YIN, p. 27).

Para abordar o tema, os procedimentos metodológicos utilizados, além da pesquisa bibliografia por meio de livros que tratam sobre ética, sensacionalismo, teorias do jornalismo e o próprio estudo de caso, foram realizadas pesquisa documental e duas entrevistas semi-abertas.

De acordo com o conceito de entrevista semi-aberta descrita no livro de Antônio Barros e Jorge Duarte, *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, ela “parte de certos questionamentos básicos [...] e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS, apud DUARTE, 2005, p. 66)

A partir de perguntas realizadas via e-mail, Danilo Angrimani, autor do livro *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa* concordou em analisar a entrevista que a produção do programa da Sônia Abrão realizou com o sequestrador Lindemberg. Assim como Angrimani, o sociólogo, cientista político e antropólogo Antônio Flávio Testa, também especializado na área de Violência, colaborou para o desenvolvimento do estudo.

O instrumento de coleta de informações utilizado foi por meio da *internet*. De acordo com Barros e Duarte, realizar entrevistas virtuais é a forma mais fácil de realizar perguntas; no entanto, é a mais difícil de obter boas respostas (BARROS;

DUARTE, 2005, p. 77). “Ela geralmente não permite a discussão, o aprofundamento natural, a discussão do contraditório, essenciais na entrevista em profundidade” (idem). Neste caso, contudo, as respostas foram bem argumentadas, o que poderá gerar discussões neste capítulo.

Ambos entrevistados possuem opiniões extremamente opostas, o que é uma vantagem, principalmente quando se utiliza a entrevista semi-aberta. De acordo com os autores, “uma vantagem desse modelo é permitir criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes” (BARROS; DUARTE, 2005, p. 67).

De acordo com o que foi descrito nos capítulos anteriores sobre o sensacionalismo que ocorreu na programação do *A Tarde é Sua*, especificamente na conversa por telefone, Testa é categórico na afirmação de que o programa cometeu um erro irrefutável.

A ação da mídia foi criminosa, pois aumentou o nível de tensão entre os envolvidos, a polícia que sofreu pressões desnecessárias e acirrou a competição por audiência em cima da tragédia humana. Esse tipo de programa deveria ser banido da mídia pela própria mídia. (ANTÔNIO TESTA. Entrevista concedida por e-mail à pesquisadora Ana Carolina Kleszcz de Carvalho. Brasília, 22 de setembro de 2009).

Ao contrário do sociólogo, Angrimani alega que não houve sensacionalismo por parte do programa da Sônia Abrão. De acordo com o autor, o que ocorreu foi um *fait divers*, que é justamente aquele tipo de notícia cotidiana que provoca sempre muita empatia no leitor (telespectador, telenauta, ouvinte) (DANILO ANGRIMANI. Entrevista concedida por e-mail à pesquisadora Ana Carolina Kleszcz de Carvalho. Brasília, 01 de setembro de 2009).

Não houve sensacionalismo do programa Sônia Abrão. Sensacionalismo é quando você coloca uma lupa de aumento sobre um fato não tão significativo e o transforma em manchete. Você aumenta a dimensão do ocorrido, dando-lhe um status que outros veículos mais sérios não dariam. O fato em si era sensacional e por isso ganhou destaque em todas as mídias. Todas! (idem)

Para sustentar sua afirmação, o autor alega que os únicos que podem ser considerados culpados pela morte da adolescente são o próprio sequestrador que deferiu o tiro crucial e a incompetência e omissão da polícia. “Um programa de televisão não mata ninguém”, afirma.

Apesar da sustentação de Angrimani em afirmar que o jornal não agiu de forma sensacional, no primeiro capítulo desta monografia há uma explicação que

pode contradizer sua alegação. De acordo com Jorge Carlos Patias, uma característica comum desse gênero jornalístico é “descrever os crimes com riqueza de detalhes, além da constante repetição do fato, imagens, entrevistas e comentários” sem se limitar em apenas informar o lugar do crime (PATIAS, p 101). Para o sensacionalista, é importante que o acusado ou criminoso diga com o máximo de detalhes o que ocorreu no crime (idem).

Independente do gênero jornalístico, as notícias são as mesmas, no entanto, passadas de maneiras diferentes. O público se interessa por matérias completas e que não sejam apenas diretas e objetivas. Como mencionado anteriormente, é preciso que haja um equilíbrio entre a mensagem objetiva e subjetiva, afinal é interessante que a matéria explore a emoção e instigue o leitor, telespectador, ouvinte ou até mesmo o telenauta (aquele que acompanha as notícias pela *internet*).

De acordo com Eugênio Bucci, banir a emoção da informação é banir a humanidade do jornalismo (BUCCI, p. 95). Isto é, não se trata de agir de forma irracional ao acompanhar uma matéria que aprofunda ou acrescenta o lado sensacional, pois as pessoas reagem emocionalmente, seja demonstrando indignação com o fato, surpresa, tristeza, ou qualquer outro sentimento (idem). A sensação é até mesmo de intimidade, já que a riqueza de detalhes de informação lhe permite ter a noção de como a pessoa (vítima ou não) se sentiu em determinada situação ou como se conhecesse os personagens da matéria.

Apesar da importância de acrescentar emoção ao fato, todo cuidado é pouco. No episódio do sequestro em Santo André, no ABC paulista, Testa não defende o uso do sensacionalismo e o condena.

Toda mídia sensacionalista, que se alimenta de tragédias humanas é nociva. Porque instiga o sofrimento e alimenta a violência, ainda que subliminarmente. Não é possível avaliar o impacto negativo do programa em questão no caso Eloá, mas qualitativamente sim, basta ver o desfecho. A invasão da mídia, mesmo sob pretenso argumento de liberdade de imprensa, revelou uma ação egoísta, desumana e cruel (TESTA, 2009).

De fato, durante a conversa estabelecida entre a produção do programa *A Tarde é Sua*, segundo explica Angrimani na entrevista, há um erro gravíssimo por parte do repórter Luiz Guerra e o único apontado por Angrimani como falha da produção: o fato de não ter se identificado como jornalista no início da ligação.

A produção errou na abordagem. Deveria ter esclarecido desde o início que se tratava de um jornalista. O fato de o profissional ter oferecido ajuda é até compreensível, em relação da dramaticidade do momento. Quem se encontra repentinamente na posição de protagonista pode pensar em

ajudar, talvez sentindo que o posicionamento das autoridades é débil. (ANGRIMANI, 2009).

Justamente por ter ocorrido esse contato com o sequestrador, o sociólogo não “perdoa” o furo. Para ele, o programa agiu de forma superficial ao tentar transformar a tragédia em um *reality show* e não utilizar o espaço disponível para realizar um debate sério sobre o ocorrido (TESTA, 2009).

Não deveria nem ter feito contato. Foi um “furo” em todos os sentidos. Burlou os direitos e entrevistou num ambiente no qual deveriam estar envolvidos psicólogos, policiais (somente para manter a ordem e não barbarizar, como fizeram) e familiares do rapaz, para dissuadi-lo de suas intenções potenciais. Acho que a repórter até estimulou o rapaz a agir como agiu. Devia ser responsabilizada criminalmente pela família da vítima. E também do rapaz. (idem).

Retomando o capítulo anterior, Heródoto Barbeiro comenta sobre o fato de o jornalista “querer ajudar”, assim como exemplificou Angrimani. Neste e em outros casos de violência, este papel cabe única e exclusivamente aos negociadores, principalmente por se tratar de um sequestro onde há vítimas desprotegidas nas mãos de um sequestrador armado. Segundo o autor do *Manual de Jornalismo*, a função do jornalista é a de denunciar os crimes à sociedade. Quem apura e pune esses casos é a polícia, e se for preciso, o Estado. Do contrário, o papel do profissional de comunicação é acompanhar o trabalho das autoridades, não cooperar e “inverter os papéis” (BARBEIRO, 2002, p. 23).

Nesse ponto, o erro pertence não somente à jornalista Sônia Abrão e à produção do *A Tarde é Sua*, mas sobretudo à ação policial, de acordo com argumentação de Angrimani. Para o autor, o fato de a polícia ter permitido que a casa continuasse recebendo informações externas é uma falha grosseira (DANILO ANGRIMANI. Entrevista concedida por e-mail à pesquisadora Ana Carolina Kleszcz de Carvalho. Brasília, 01 de setembro de 2009).

Sônia Abrão só falou com o sequestrador, porque a polícia permitiu. Há recursos tecnológicos que bloqueiam o funcionamento de celulares. Nem a eletricidade foi cortada. Ou seja, o criminoso poderia assistir à novela e depois ver a repercussão do seu caso em várias emissoras. Ou ainda ouvir o jogo de futebol, na rádio, intercalado por notícias “ao vivo” da equipe deslocada para frente do prédio de apartamentos onde ele se encontrava. (idem)

O jornalista Marcio Campos acompanhou o caso de perto e produziu matérias pela rede Bandeirantes. Após o desfecho trágico, escreveu o livro *A tragédia de Eloá: uma sucessão de erros*, onde descreve a conversa entre Lindemberg e Sônia Abrão. Durante a entrevista, o sequestrador revela que está apreensivo com o que ouve no noticiário a respeito dos crimes que cometia.

Marcio Campos também descreve, mais à frente, uma conversa entre o apresentador do telejornal Brasil Urgente, José Luiz Datena, e o comandante da Tropa de Choque da Polícia Militar Paulista e superior do Grupo de Ações Táticas (GATE), o coronel Eduardo Félix. A entrevista foi realizada no dia 15 de outubro.

Durante a conversa, Datena perguntou se a presença e divulgação do sequestro na mídia atrapalhavam ou não a polícia. De acordo com o comandante, as imagens gravadas sobre a posição dos policiais do GATE podiam colocar a vida dos profissionais em risco (CAMPOS, 2008, p. 50).

Em relação à entrevista de Sônia Abrão com o sequestrador, o coronel recriminou a ação e afirma que a entrevista atrapalhou as negociações.

Esse fato em especial fez com que houvesse um atraso. Às duas horas da tarde, já estava acertado com o rapaz que a moça iria almoçar e nós fornecemos o almoço dela. Ia almoçar e em seguida ela iria sair e ele iria se entregar para nós. Isso foi um acordo entre ele, o negociador e o irmão da vítima. O que ocorre, após a entrevista, ele de certa forma até agora não quer mais saber disso. Ele fala: eu vou sair quando eu quiser (idem).

Para Angrimani, o interesse jornalístico da produção do *A Tarde é Sua* ao estabelecer contato com o sequestrador “furou” os outros meios de comunicação e até mesmo atraiu a ira de alguns concorrentes.

Não vejo como uma entrevista concedida a uma emissora possa ter alguma implicação com o desenrolar dos fatos. Ao contrário, a entrevista revelava um sequestrador irritadiço, nervoso, implacável, capaz de matar a sua refém. É inacreditável que os agentes especializados em gerenciar esse tipo de conflito não avaliaram desta maneira. Várias vezes o sequestrador esteve sob alvo dos atiradores de elite, mesmo assim optou-se por uma saída negociada, extremamente arriscada, para a refém. (ANGRIMANI, 2009)

Da mesma forma que o autor argumenta, a produção do programa poderia ter acreditado que conseguiria acalmar o sequestrador e incentivá-lo a libertar as reféns. Assim como já citado anteriormente, Heródoto Barbeiro explica sobre o direito à vida exemplificando-o com o artigo da Declaração Universal dos Direitos dos Homens. “O direito à vida está acima de tudo, ainda que impeça a divulgação de uma reportagem” (BARBEIRO, 2002, p. 25).

Numa das perguntas feitas tanto para Angrimani quanto para Testa é sobre o item IV, do artigo 7º do Código de Ética dos Jornalistas. De acordo com o item, o jornalista não pode “expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais”. No caso



da atitude da produção, os argumentos são controversos a respeito se houve violação do Código de Ética.

Conforme Angrimani deixou explícito desde o início da entrevista, em sua opinião não houve erro da produção a não ser o fato de o repórter não ter se identificado logo no início do telefonema. Ocorrendo ou não a entrevista, o sentimento de onipotência de Lindemberg era circunstancial, segundo explica Angrimani, já que o rapaz estava armado e mantinha duas reféns indefesas. Para ele, este item do Código de Ética é voltado para casos em que pessoas sequestradas estão em local ainda não determinado (ANGRIMANI, 2009).

Qualquer divulgação do caso em que não há informações, pode implicar em risco para o sequestrado. A *Folha*, por exemplo, proibiu a divulgação de casos de sequestro antes de sua solução. Não se trata, de forma alguma, do Caso Eloá. Neste, em particular, bastava que o sequestrador ligasse o rádio, a TV, ou olhasse pela janela para perceber a presença maciça de veículos de comunicação. (idem)

Ao contrário do autor, o sociólogo Antônio Testa enfatiza que a ação da mídia foi irresponsável e criminosa. Para ele, é possível que a entrevista com o sequestrador tenha interferido no emocional do rapaz, de forma que pode ter aumentado a sensação de onipotência no “sucesso momentâneo”, o qual Lindemberg vivia naqueles dias. E acrescenta: “a mídia deve informar e não deformar, interferindo no desfecho dos eventos sociais, como se seguisse um roteiro midiático, baseado na indução do consumidor de mídia, como acontece nas novelas e nos *realities shows*” (TESTA, 2009).

O momento era peculiar tanto pela tensão momentânea como pelo processo psicológico carregado de violência potencial que o rapaz vivia. Não é possível prever o que aconteceria, mas seguramente, o desfecho seria diferente se houvesse mais tranquilidade para que as autoridades envolvidas pudessem agir sem a pressão direta da mídia sensacionalista. (idem)

Durante a produção da monografia, duas ligações foram feitas e cinco *e-mails* encaminhados com o intuito de estabelecer contato com alguém responsável pela produção do programa *A Tarde é Sua* para comentar sobre o ocorrido, no entanto, não houve retorno. Todas as ligações eram seguidas de respostas pedindo para que se enviasse solicitações por *e-mail* com as devidas perguntas. A partir dos *e-mails*, seria analisada a possibilidade de resposta. Até a entrega desta monografia, não houve qualquer manifestação da RedeTV!.

O Estudo de Caso se encaixa na análise deste estudo, não apenas por se tratar de método de análise qualitativo, mas pela natureza do assunto abordado, não

há respostas definitivas nem explicações simplistas. Assim como o autor Robert Yin cita no seu livro, o Estudo de Caso é a estratégia preferida para responder questões do tipo “como” e “por que”. (YIN, 2001, p. 25).

Um ano após a morte da adolescente Eloá, o programa *Fantástico*, transmitido todas as noites de domingo pela Rede Globo, exibiu uma matéria sobre a tragédia no dia 18 de outubro de 2009, que explicou e mostrou imagens de como eram realizadas as negociações entre a polícia e o sequestrador. (Disponível no site oficial do programa Fantástico – Rede Globo <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1345800-15605,00-CASO+ELOA+VEJA+IMAGENS+INEDITAS+DA+NEGOCIACAO.html>).

Mesmo utilizando o *fait divers* para a realização da matéria, a notícia não se tornou sensacionalista. A voz e o choro de Eloá aparecem no início da reportagem. De acordo com informações na própria gravação, o programa *Fantástico*, da Rede Globo, alegou que conseguiu com exclusividade as imagens realizadas pela polícia durante as negociações.

Nas próprias gravações das negociações, Lindemberg revela-se uma pessoa violenta, nervosa e sempre fazendo ameaças. Ele libera Nayara Rodrigues da Silva, amiga de Eloá e uma das reféns no segundo dia de sequestro (14/10/2008). Na quinta-feira (16/10), o rapaz promete que vai soltar a adolescente, mas pede proteção de Nayara e do irmão de Eloá. É neste dia que a amiga volta a ser refém.

Durante a reportagem, cenas como a volta da adolescente ao apartamento e a invasão dos policiais são utilizadas, mesmo que já tivessem sido transmitidas diversas vezes após a morte de Eloá. Apesar de não haver nenhum fato novo, a matéria foi realizada com uma linguagem objetiva e ao mesmo tempo subjetiva, com o intuito de equilibrar a reportagem, revelando de perto como eram realizadas as negociações. De acordo com informações reveladas pela reportagem, para o Ministério Público o único responsável pela morte de Eloá é o próprio sequestrador. (idem)

Desta vez, Nayara não quis dar entrevistas assim como a advogada de Lindemberg. O jornal respeitou a decisão e não insistiu.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo um ano após a morte de Eloá Pimentel, a repercussão do caso continua. De acordo com informações da coluna *Outro Canal*, publicada no dia 6 de outubro de 2009 e assinada por Rodrigo Russo no jornal *Folha de S. Paulo*, diversos veículos de comunicação disputam uma entrevista exclusiva com Lindemberg Alves. Até o momento, não há nenhuma confirmação. No entanto, é possível afirmar que o caso transformou o sequestrador em celebridade. Programas como *Superpop!*, transmitido pela RedeTV!, e o novo de Roberto Cabrini, do SBT (que deve ir ao ar em novembro de 2009, segundo a coluna) são as preferências de Lindemberg.

Durante o desenvolvimento da monografia, foi visto que o principal erro cometido pelo programa *A Tarde é Sua*, assim como sustentou Danilo Angrimani no capítulo anterior, é o fato de o jornalista Luiz Guerra não ter se identificado desde o início para o sequestrador e ter mentido, alegando que era amigo da família.

A princípio, quando a ideia da monografia foi sugerida, o programa da Sônia Abrão era visto como sensacionalista e oportunista, já que ao que parece, a jornalista aproveitou a situação para elevar os índices de audiência. Após diversas análises feitas a partir de leituras de livros que tratam sobre ética e sensacionalismo na imprensa, é possível concluir que o programa se utilizou do recurso do *fait divers* para noticiar o fato de uma forma mais emotiva.

As entrevistas tiveram importância significativa para o desenvolvimento da monografia. De início, a conversa estabelecida entre Sônia Abrão e Lindemberg foi vista como um erro, principalmente por acreditar que a ligação poderia comprometer a integridade física da vítima, já que o sequestrador estava armado. Outra hipótese levantada e que não pôde ser comprovada é se a entrevista teria feito com que Lindemberg mudasse de ideia e desistisse de libertar Eloá.

De acordo com entrevista feita com Danilo Angrimani, um programa de televisão não mata ninguém e os únicos responsáveis pela morte da jovem são o próprio sequestrador, que efetuou o tiro, e a omissão da polícia. Ao contrário do que parece, o programa da Sônia Abrão, mesmo utilizando teor sensacionalista, revelou que Lindemberg era uma pessoa violenta e que poderia cometer um crime a qualquer instante.

O ponto positivo mostrado é que essa entrevista revela o nervosismo e a instabilidade do sequestrador. Mesmo realizando negociações à parte com o rapaz,

a polícia poderia ter aproveitado o conteúdo dessa conversa e adotar uma estratégia diferente para conseguir libertar a refém.

De acordo com Marcio Campos, no livro *A tragédia de Eloá: uma sucessão de erros*, a jornalista Sônia Abrão perguntou para Lindemberg se a polícia estava se comunicando com ele. O rapaz afirmou que até o momento daquela entrevista, a polícia ainda não tinha entrado em contato com eles naquele dia. A jornalista se defendeu e argumentou: “Não somos nós que estamos prendendo a linha, ele tem o celular”. (CAMPOS, 2008 p. 46). Ao que parece, pode-se alegar que a ligação foi feita para o telefone fixo do apartamento da jovem. Com isso, é possível afirmar que os negociadores poderiam entrar em contato com o rapaz por meio de outros telefones.

Ao contrário, como visto no capítulo anterior, o sociólogo Antônio Testa acredita que esse contato pode ter estimulado o rapaz a agir da forma como agiu. Para ele, a imprensa deveria cobrir o evento e não interferir, já que essa ação pode ter aumentado o nível de tensão tanto do sequestrador e da refém quanto dos policiais e negociadores envolvidos.

A pesquisadora entrou em contato diversas vezes com a produção do *A Tarde é Sua*, por meio de telefonemas e solicitações de entrevistas por e-mail; no entanto, não obteve retorno.

A partir da análise dos dois argumentos contrários citados acima e com o auxílio das leituras realizadas, a pesquisadora observou que o papel do jornalista, por melhores que sejam suas intenções, como no caso de querer ajudar na negociação, é apenas de divulgar o fato. A função desse profissional é de informar e noticiar, não intermediar.

De fato, a produção do programa, mais especificamente o repórter Luiz Guerra, cometeu o erro de não se identificar logo no início do telefonema. No entanto, se esta entrevista e as reportagens feitas por outros veículos de comunicação sobre o caso pudessem colocar em risco a vida da refém ou até mesmo dos policiais, estes poderiam ter impedido a divulgação. Angrimani sustenta o argumento de que a jornalista só falou com o sequestrador, porque a polícia permitiu.

A monografia foi feita a partir da metodologia de Estudo de Caso, abordando também a importância do *news-making* e *news-value*. Assim como Nelson Traquina cita no livro *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade*

*interpretativa transnacional*, os valores-notícia servem para guiar ou instruir o jornalista para que ele saiba discernir se há importância nos fatos. (ERICSON, BARANEK E CHAN, 1987, apud TRAQUINA, p. 73).

Dessa forma, por se tratar de um caso delicado onde havia vidas em risco, o programa *A Tarde é Sua* deu um destaque maior ao fato e, ao que parece, transformou o sequestro em notícia mais detalhada, pois o considerou mais interessante e significativo que outros acontecimentos.

O principal objetivo da monografia foi atingido parcialmente. A partir dessas análises foi possível concluir que a mídia pode ter contribuído com a morte da adolescente; porém não é possível comprovar se a entrevista entre o sequestrador e Sônia Abrão pode ter feito o rapaz mudar de ideia. No entanto, enquanto a conversa era transmitida ao vivo, Lindemberg pode ter percebido a dimensão do caso e ter ficado com medo de se entregar, já que podia acompanhar pela televisão e pela rádio o que era noticiado. Uma das notícias era sobre os crimes que cometia naqueles instantes e as penas que poderia pegar.

Dentre os demais objetivos, a maioria foi atingida, pois foi possível conseguir as entrevistas com especialistas para analisar o caso, estudar o tema por meio de bibliografias que tratam sobre ética e sensacionalismo e também realizar uma análise do programa utilizando as percepções dos entrevistados junto a da pesquisadora.

Como sugestão para as próximas pesquisas sobre o Caso Eloá, seria interessante que os pesquisadores realizassem uma busca mais profunda sobre o sequestro e a divulgação do mesmo na mídia. Como o tempo era curto, não foi possível conversar com o programa *A Tarde é Sua* para saber a versão da produção, e quais os foram os critérios utilizados para entrar em contato com o sequestrador. Vale também questionar quais eram as intenções e as expectativas da produção do programa no momento em que decidiram realizar a entrevista.

## REFERÊNCIAS

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

BARBEIRO, Heródoto. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo. Editora: Companhia das Letras, 2000.

BUCCI, Eugênio. KEHL, Maria Rita. **Videologias: Ensaios sobre televisão**. São Paulo. Editora Boitempo, 2004.

CAMPOS, Marcio. **A tragédia de Eloá: uma sucessão de erros**. São Paulo: Editora Landscape, 2008.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. CASTRO, Valdir José de. **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo. Ed. Paulus, 2006

CORNU, Daniel. **Ética da informação**. Bauru-SP: EDUSC, 1998

DI FRANCO, Carlos Alberto. **Jornalismo, ética e qualidade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, Ed. Atlas, 2005.

JESPERS, Jean-Jacques. **Jornalismo televisivo**. Editora Minerva Coimbra, 1998.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo. Geração Editorial, 2003.

PEREIRA JR., Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2000.

RAMOS, Sílvia. **Mídia e Violência: novas tendências na cobertura de criminalidade no Brasil**. Rio de Janeiro. Editora IUPERJ, 2007.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**; trad. Daniel Grassi – 2.ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

## **ACESSO PELA INTERNET**

**Produção do A Tarde é Sua entrevistando Lindemberg (RedeTV!) (acessados no dia 18/03/2009)**

<http://www.youtube.com/watch?v=Y3oTNzkxUQE>  
[http://www.youtube.com/watch?v=9\\_gSLc0oCic](http://www.youtube.com/watch?v=9_gSLc0oCic)  
<http://www.youtube.com/watch?v=CGJewjnPejA>  
[http://www.youtube.com/watch?v=F4fBo\\_PGXWM](http://www.youtube.com/watch?v=F4fBo_PGXWM)

**Site oficial do programa A Tarde é Sua, da Sônia Abrão**

<http://www.redetv.com.br/portal/atardeesua/index.aspx> (acessado no dia 09/06)  
<http://www.redetv.com.br/portal/atardeesua/oprograma.aspx> (acessado no dia 09/06)  
<http://www.redetv.com.br/portal/atardeesua/apresentadora.aspx> (acessado no dia 09/06)

**Código de Ética do Jornalista Brasileiro**

[http://www.nacangaia.com/radio/codigo\\_jornalistas.doc](http://www.nacangaia.com/radio/codigo_jornalistas.doc) (acessado no dia 12/06/2009)

**Artigo: “A imprensa ajudou a matar Eloá?” – Observatório da Imprensa**

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=509FDS015> (acessado no dia 10/04/2009)

**Artigo: “A espetacularização da mídia” – Observatório da Imprensa**

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=509FDS009> (acessado no dia 10/04/2009)

**Artigo: “Uma sequência de erros” – Observatório da Imprensa**

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=509FDS012> (acessado no dia 10/04/2009)

**Matéria do Caso Eloá um ano após a morte da adolescente – FANTÁSTICO (Rede Globo)** (acessado no dia 23/10/2009)

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1345800-15605,00-CASO+ELOA+VEJA+IMAGENS+INEDITAS+DA+NEGOCIACAO.html>

## APÊNDICE

**1. Entrevista realizada por e-mail no dia 01 de setembro de 2009 com Danilo Angrimani, autor do livro *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa***

**1) O senhor acha que a mídia (no caso o programa da Sônia Abrão) contribuiu para o desfecho trágico do sequestro de Santo André?**

De nenhuma forma. A refém foi morta por incompetência da polícia.

**2) O programa cometeu erros? Quais erros o senhor aponta?**

Houve um único erro, quando o repórter não se identificou como tal. Havia interesse jornalístico e a produção do programa atendeu a esta solicitação da opinião pública.

**3) O programa agiu de forma sensacionalista? Por que?**

Não houve sensacionalismo. O assunto em si era sensacional. Um rapaz, enlouquecido de paixão, invade um imóvel, prende a garota amada como refém e está disposto a matar e a ser morto por amor. O público interessou-se pelo caso desde o primeiro momento. As mídias de atuação mais imediata (TV, rádio e internet) deslocaram equipes, entravam ao vivo, faziam flashes. Tudo isso por quê? Porque se tratava de um *fait divers* sensacional, que atraía as emoções, a empatia da opinião pública.

**4) Qual a sua opinião sobre o contato estabelecido entre Sônia Abrão e o sequestrador? Ela agiu de forma ética ao ligar para Lindemberg e transmitir a conversa ao vivo no programa?**

Sônia Abrão é jornalista. Ela teve um interesse jornalístico sobre aquilo que se desenrolava dentro do apartamento. Na realidade, ela *furou* os demais veículos, atraindo a ira de alguns concorrentes, principalmente, da TV Bandeirantes. Não vejo como uma entrevista concedida a uma emissora possa ter alguma implicação com o desenrolar dos fatos. Ao contrário, a entrevista revelava um seqüestrador irritadiço, nervoso, implacável, capaz de matar a sua refém. É inacreditável que os agentes especializados em gerenciar esse tipo de conflito não avaliaram desta maneira.



Várias vezes o seqüestrador esteve sob alvo dos atiradores de elite, mesmo assim optou-se por uma saída negociada, extremamente arriscada, para a refém.

**5) Para o comandante da Tropa de Choque da PM, em entrevista com Datena, a intromissão da Sônia Abrão mudou os planos de Lindemberg de libertar as reféns. O senhor concorda com a visão do comandante? Por quê?**

A polícia, encarregada deste caso, foi tão incompetente, tão amadora, tão pouco satisfatória no cumprimento das ações em campo, que permitiu a uma amiga da refém RETORNAR ao cativeiro. Isso, sim, é inacreditável!

**6) De acordo com o artigo 7 do código de ética do jornalista, item IV, o jornalista não pode expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais. No caso do programa da Sônia Abrão, ela desrespeitou o código?**

**([http://www.infonet.com.br/josecristiangoes/ler.asp?id=65632&titulo=Cristian Goes](http://www.infonet.com.br/josecristiangoes/ler.asp?id=65632&titulo=CristianGoes))**

Como escrevi no início, houve erro da produção, no início da entrevista, quando o repórter não se identificou como tal. Este item do Código de Ética da profissão refere-se, principalmente, a casos em que pessoas seqüestradas estão em local não determinado. Qualquer divulgação do caso pode implicar em risco para o seqüestrado. A *Folha*, por exemplo, proibiu a divulgação de casos de seqüestro, antes de sua solução. Não se trata, de forma alguma, do seu objeto de estudo. Neste caso, em particular, bastava que o sequestrador ligasse o rádio, a TV, ou olhasse pela janela para perceber a presença maciça de veículos de comunicação.

**7) Como teria sido a verdadeira cobertura do caso sem utilizar o sensacionalismo como ferramenta para atrair o telespectador?**

Sinto decepção, mas não houve sensacionalismo neste caso. Repito: o fato em si era sensacional.

**8) O senhor acredita que se a mídia não tivesse sensacionalizado tanto o caso desse sequestro, talvez Lindemberg teria soltado as meninas? O senhor**

**acredita que ele criou um sentimento de “onipotência”, após perceber que todos queriam entrevistá-lo?**

Houve erro e – volto a insistir – não foi das pessoas que realizavam a cobertura. O sentimento de “onipotência” era circunstancial. Ele tinha uma arma e dominava duas garotas desarmadas. Não havia necessidade de ser entrevistado para se sentir onipotente. Ele estava armado e suas reféns, não. Os policiais encarregados da ação em campo deveriam tê-lo imobilizado, por meio dos atiradores de elite. Nas entrevistas dadas, depois do desfecho lamentável, o comandante justificava a sua inoperância, dizendo que se tratava de um rapaz apaixonado, momentaneamente enlouquecido de amor, que nesses casos a polícia procurava chamá-lo à razão. Houve uma sucessão de erros, é verdade. E todos eles foram cometidos pela polícia. Vou enumerá-los:

- 1) quem ouviu a entrevista concedida pelo seqüestrador, entendeu que se tratava de um indivíduo perigoso, capaz de matar sua refém. Como é possível que os agentes, em campo, não tinham este discernimento?
- 2) em qual cartilha de resgate de reféns está escrito que os agentes da lei são capazes de permitir que uma refém libertada, retorne ao cativeiro. Como que um comandante de um grupo especializado de policiais foi capaz de expor alguém a tamanho risco?
- 3) por que não foi dada a ordem para os atiradores de elite alvejarem o sequestrador que, em vários momentos, insisto – EM VÁRIOS MOMENTOS - esteve sob a mira deles?
- 4) a invasão foi confusa, atabalhoada, sem nenhum requinte cinematográfico. O público via um agente tentando posicionar uma escada trôpega para a invasão acontecer também pela janela, a escada escorregava, o policial ficava ali balançando, um desastre.

### **Segundo e-mail com novas explicações**

Vamos encarar o problema: um rapaz armado invade um apartamento, bate em algumas pessoas e acaba fazendo duas reféns – duas moças desarmadas, na realidade, duas adolescentes confusas e sem nenhuma maturidade para encarar aquela situação. A polícia cerca o imóvel e inicia as negociações.

Quem era aquele rapaz? Por que ele agia daquela maneira? Ele realmente oferecia perigo para as meninas ou estava apenas querendo chamar a atenção para si próprio? Todos nós – a opinião pública – que acompanhávamos o cerco fazíamos essas questões.

A jornalista Sonia Abrão ao estabelecer um contato direto com o sequestrador nos revelou que o agressor era violento, capaz realmente de cometer um crime.

Este caso – volto a insistir – é muito diferente de um sequestro, onde o refém encontra-se em local “incerto e não sabido”, segundo o clichê policial. As meninas estavam lá, presas no apartamento. Sabia-se que o sequestrador era apenas uma única pessoa, armada de um revólver.

Ou seja, as autoridades “competentes” sabiam onde estavam as reféns, quem era o sequestrador e seu potencial de fogo. Ponto.

O fato de a polícia ter permitido que a casa continuasse recebendo informações externas é outro erro grosseiro. Sônia Abrão só falou com o sequestrador, porque a polícia permitiu. Há recursos tecnológicos que bloqueiam o funcionamento de celulares. Nem a eletricidade foi cortada. Ou seja, o criminoso poderia assistir a novela e depois ver a repercussão do seu caso em várias emissoras. Ou ainda ouvir o jogo de futebol, na rádio, intercalado por notícias “ao vivo” da equipe deslocada para a frente do prédio de apartamentos onde ele se encontrava.

Não conheço a Sônia Abrão, assisti raramente a seus programas, não sou advogado de defesa de sua produção, mas não vejo como ela pode ter agido de forma antiética. O que são os meios de comunicação? São veículos, ou seja, eles conduzem o público à notícia. O leitor (o ouvinte, o telespectador, o telenauta) não precisa se deslocar até o Pólo Norte para acompanhar a destruição do Ártico. Encontra-se lá um jornalista que vai transmitir a informação, que vai “colocar” o leitor “dentro” da notícia. Michael Jackson morreu. Eu não preciso me deslocar até Los Angeles, para acompanhar o enterro e a cerimônia fúnebre. O noticiário me “leva” até lá. É isso que nós jornalistas fazemos, dentro de normas éticas, que regem a

profissão. – sem mentir, mantendo a imparcialidade, a objetividade e procurando ser o máximo possível fiel aos fatos.

A produção do programa Sônia Abrão fez o quê? *Levou o telespectador para dentro do apartamento* e o colocou em contato “por procuração” com o criminoso. “Por procuração” por quê? Porque a pessoa estava sintonizada naquela emissora para saber mais sobre o fato.

A produção errou na abordagem. Deveria ter esclarecido desde o início que se tratava de um jornalista. O fato de o profissional ter oferecido ajuda é até compreensível, em relação da dramaticidade do momento. Quem se encontra repentinamente na posição de protagonista pode pensar em ajudar, talvez sentindo que o posicionamento das autoridades é débil.

Não houve sensacionalismo do programa Sônia Abrão. Sensacionalismo é quando você coloca uma lupa de aumento sobre um fato não tão significativo e o transforma em manchete. Você AUMENTA a dimensão do ocorrido, dando-lhe um status que outros veículos mais sérios não dariam. O fato em si era sensacional e por isso ganhou destaque em todas as mídias. Todas!

Não foi “apenas um *fait divers*”. Foi um *fait divers*, que é aquela notícia cotidiana que provoca sempre muita empatia no leitor (telespectador, telenauta, ouvinte). Assim como foi um *fait divers* o motim ocorrido ontem à noite na favela do Heliópolis, em São Paulo, com veículos queimados, ruas ocupadas e confronto entre agentes da ordem e manifestantes.

Quem foi culpado pela morte da garota Eloá foi Lindemberg que atirou e a executou. A polícia foi omissa, por não ter agido a tempo, não tomado as medidas necessárias para preservar a integridade física da refém e permitir, de forma inacreditavelmente incompetente, que uma ex-refém voltasse ao status de refém, sendo alvejada e quase executada.

É isso. Pense a respeito. Não tenha uma posição fechada sobre o caso. Não parta de uma tese “verdadeira” para ir ao encontro dos fatos. Traga os fatos para perto de

you e os analise. Um programa de TV não mata ninguém. Quem mata é o criminoso e a inoperância policial.

**2. Entrevista realizada por e-mail no dia 22 de setembro de 2009 com o Sociólogo, Cientista Político e Antropólogo Antônio Flávio Testa, também especializado na área de Violência,**

**1) O senhor acha que a mídia (no caso o programa da Sônia Abrão) contribuiu para o desfecho trágico do sequestro de Santo André?**

Toda mídia sensacionalista, que se alimenta de tragédias humanas, é nociva. Porque instiga o sofrimento e alimenta a violência, ainda que subliminarmente. Não é possível avaliar o impacto negativo do programa em questão no caso Eloá, mas qualitativamente sim, basta ver o desfecho. A invasão da mídia, mesmo sob pretenso argumento de liberdade de imprensa, revelou uma ação egoísta, desumana e cruel.

**2) O programa agiu de forma sensacionalista? Por que?**

Sim, como disse na questão anterior, esse tipo de programa que privilegia o sofrimento humano de forma sensacionalista e em busca de audiência é extremamente nocivo, pois atua num nível subterrâneo de humanidade e respeito pelos direitos humanos.

**3) O programa cometeu erros? Quais erros o senhor aponta?**

Primeiro: tentar transformar a tragédia em *reality show* e buscar audiência de forma sensacionalista. Segundo: não usar o programa para chamar a população para um debate sério sobre aquela tragédia. Agiu de forma superficial, buscando apenas audiência. É um programa sem conteúdo.

**4) Qual a sua opinião sobre o contato estabelecido entre Sônia Abrão e o sequestrador? Ela agiu de forma ética ao ligar para Lindemberg e transmitir a conversa ao vivo no programa?**

Não deveria nem ter feito contato. Foi um "furo" em todos os sentidos. Burlou direitos e entrevistou num ambiente no qual deveria estar envolvidos psicólogos, policiais (somente para manter a ordem e não barbarizar, como fizeram) e familiares do rapaz, para dissuadi-lo de suas intenções potenciais.) Acho que a repórter até estimulou o rapaz a agir como agiu. Devia ser responsabilizada criminalmente pela família da vítima. E também do rapaz.

**5) Para o comandante da Tropa de Choque da PM, em entrevista com Datena, a intromissão da Sônia Abrão mudou os planos de Lindemberg de libertar as reféns. O senhor concorda com a visão do comandante? Por que?**

Como disse anteriormente. A imprensa deveria cobrir o evento e não interferir no evento. A ação da mídia foi criminosa, pois aumentou o nível de tensão entre os envolvidos, a polícia, que sofreu pressões desnecessárias, e acirrou a competição por audiência em cima da tragédia humana. Esse tipo de programa deveria ser banido da mídia pela própria mídia.

**6) De acordo com o artigo 7 do código de ética do jornalista, item IV, o jornalista não pode expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais. No caso do programa da Sônia Abrão, ela desrespeitou o código?**

**([http://www.infonet.com.br/josecristiangoes/ler.asp?id=65632&titulo=Cristian Goes](http://www.infonet.com.br/josecristiangoes/ler.asp?id=65632&titulo=CristianGoes))**

Sim, claro. Veja meus argumentos acima.

**7) O senhor acredita que se a mídia não tivesse sensacionalizado tanto o caso deste sequestro, talvez Lindemberg tivesse soltado as meninas? O senhor acredita que ele criou um sentimento de onipotência, após perceber que todos queriam entrevistá-lo?**

É possível sim que o sucesso momentâneo tenha aumentado uma possível sensação de onipotência. O momento era peculiar tanto pela tensão momentânea como pelo processo psicológico carregado de violência potencial que o rapaz vivia. Não é possível prever o que aconteceria, mas seguramente, o desfecho seria diferente se houvesse mais tranquilidade para que as autoridades envolvidas pudessem agir sem a pressão direta da mídia sensacionalista. A mídia deve informar e não deformar, interferindo no desfecho dos eventos sociais, como se seguisse um roteiro midiático, baseado na indução do consumidor de mídia, como acontece nas novelas e nos *realities shows*.

## **ANEXO**

**CAMPOS, Marcelo. A tragédia de Eloá: uma sucessão de erros. São Paulo: Editora Landscape, 2008.**

**Primeira entrevista realizada pelo jornalista Luiz Guerra**

**Páginas 38-41**

Durante o almoço, nossa equipe de produção e alguns poucos colegas conseguem os números dos telefones que são usados por Lindemberg para realizar as negociações. É claro que, como jornalistas, todos pensam em dar o tão sonhado ‘furo’ de notícia, sair na frente, ligar primeiro e falar com o seqüestrador. Mas não é isso que manda o manual de redação de um departamento de jornalismo responsável. E assim determinou a direção de jornalismo da emissora. Nenhum repórter, produtor ou apresentador estava autorizado a ligar para os números de telefones usados para negociar a rendição do criminoso e a liberação da vítima.

Mas alguns órgãos de imprensa pensaram o contrário. Na Rede TV, pouco depois das duas da tarde, para surpresa de muitos e principalmente da polícia, o programa “A Tarde é Sua” apresentado por Sônia Abrão, anuncia uma entrevista exclusiva com Lindemberg Alves. No primeiro contato, quem conversa com o sequestrador é o repórter Luiz Guerra. A conversa é gravada e inicialmente ele não se apresenta como jornalista:

- Quem fala?
- Lindemberg.
- Está tudo bem?
- Quem é?
- É um amigo da família, está tudo bem?
- Quem é?

Só a partir da insistência de Lindemberg é que o repórter se apresenta:

- Na verdade, sou Luiz Guerra, repórter da Sônia Abrão, está tudo bem com você? Tudo bem, ‘bicho’?
- Vocês estão ao vivo?
- Não. Só conversando.
- É o seguinte, se você tivesse ao vivo, veria o sinal positivo.



O repórter afirma que ligou para Lindemberg para auxiliá-lo:

- Eu quero te ajudar, o capitão garante a tua integridade.

Mas Lindemberg ainda não adquiriu confiança. Está receoso em relação à conversa e pergunta mais uma vez:

- Vocês estão ao vivo?

- Não, estamos gravando e vai ser exibido tudo o que você falar. Como está a situação, você e ela?

- Ela está me enrolando, não quero mais nada com ela.

O repórter pergunta sobre a Nayara, que havia sido libertada na noite anterior, e Lindemberg responde:

- Ela deve ter falado como foi tudo aqui. Não faltou comida, bebida, deixei ela tomar banho, deixei tudo.

- Mas o que aconteceu, o que foi?

- Foi desespero!

- E o que você está pensando neste momento?

- Estou sem sentimento nenhum, estou frio pra caralho.

O repórter pede, então, para falar com Eloá:

- Ta bem! Aí... ela vai falar.

- Eloá?

- Alô! Quem está falando?

- Tudo bem com você?

- Está tudo tranquilo, eu quero almoçar, estou fraca.

- Mas como está tudo aí, como ele está te tratando?

- Está me tratando bem.

O repórter tenta passar uma situação de confiança:

- Então, confia nele. Quer mandar um recado para a sua mãe?

- Queria saber como estão meus familiares. Queria mandar um beijo pra eles. Queria falar para a minha mãe que eu a amo, meu pai também, eu o amo. Já orei muito, tenho certeza que Deus não vai deixar assim.

Neste momento há um silêncio, Eloá para de falar, a impressão que dá é que Lindemberg impediu a conversa. O tempo tinha acabado, afinal de contas, é ele quem manda lá dentro do apartamento naquela hora. Em tom desafiador, o ex-namorado quer saber:

- Como você conseguiu o telefone daqui?

- Ah! A gente conseguiu.
- Não me deixa nervoso, não!
- A gente conseguiu com alguns parentes seus mesmo.
- Você é repórter mesmo? Quero saber se você é mesmo?

O jornalista consegue convencê-lo e Lindemberg então usa a entrevista para ameaçar a polícia:

- Fala para o policial não fazer o que ele fez. Eu pedi para ninguém subir aqui e ele subiu. Eu estava dormindo, ele tocou a campainha e levei um susto, quase atirei nela.

Lindemberg deixa claro que não está intimidado. Para exemplificar, ele lembra o caso do ônibus 147, no Rio de Janeiro:

- Você viu o que aconteceu no sequestro do ônibus do Rio de Janeiro? O policial foi pagar de bonitinho, tornou as coisas precipitadas e o cara atirou nela. É isso o que você quer? Para não acontecer o que aconteceu na avenida Brasil, no Rio, ninguém tem que se aproximar do prédio. Se invadissem, agora ela estaria morta.

Lindemberg altera o comportamento rapidamente. Segundos depois de dizer que pode matar a menina, já se diz preocupado com ela:

- Por enquanto eu estou pensando nela. Ela quer almoçar. Ela está fraca. Depois que ela almoçar, eu pretendo libertar. Mas acontece que esse capitão que assumiu está fazendo besteira... Apagou a luz aí... Ele está pensando que eu liberei a Nayara porque ele acendeu a luz e não foi.

[...]

## **Entrevista ao vivo com a Sônia Abrão**

### **Página 42-44**

Depois de reprisar a entrevista do repórter Luiz Guerra, a própria apresentadora Sônia Abrão conversa ao vivo com o sequestrador, às três e dez da tarde:

- Ele está querendo falar ao vivo com a gente!

Com Lindemberg ao telefone, a apresentadora pergunta:

- Você continua calmo, disposto a libertar Eloá?

- Assim, eu estava com esse pensamento ontem. Liguei para o pai da Nayara porque às dez da manhã ela me emocionou. Porque na vida dela até os quinze

anos, o pai não esteve presente. Então eu peguei, liguei para o pai dela, falei que ia liberar a Nayara porque eu também passei pela mesma situação. [...]

Lindemberg continua comentando o que Nayara, supostamente havia dito enquanto esteve refém pela primeira vez.

- Ela disse, “meu pai esperou essa situação, eu estava entre a vida e a morte, para se preocupar comigo”. Aquilo me tocou e eu disse para ela “eu vou te liberar, vou dar uma chance para o seu pai; pai tem que dar carinho”.

- Mas a Eloá não te tocou na hora em que falou com os pais por telefone na entrevista do Guerra? Vamos terminar isso numa boa, você nunca foi do mal!

- Eu esta com quatro pessoas, liberei uma, liberei outra e depois mais uma.

- Libera a Eloá, libera você. Faz isso vai!

- Tem duas vidas aqui dentro que dependem de dois lados, de mim e do comandante que tem a voz lá embaixo.

[...]

A ligação é interrompida. Cai a linha e em alguns segundos Lindemberg está no ar novamente:

- Estou te ouvindo. Então fala uma coisa, o que falta para colocar um ponto final bom nessa história?

- Não quero nada de gracinha do comandante, se ele fizer merda, vai acabar com duas vidas aqui dentro.

[...]

### **Continuação da entrevista com a Sônia Abrão**

#### **Página 46**

- É difícil ter confiança na polícia, acreditar na polícia. Quando me passarem tranquilidade, eu faço isso.

- Eles têm falado com você?

- Até então eles não ligaram, desde que eu falei com vocês eles não ligaram para mim.

- Não somos nós que estamos prendendo a linha, ele tem o celular.

### **Entrevista realizada entre José Luiz Datena e o coronel Eduardo Félix no programa Brasil Urgente, transmitido pela Rede Bandeirantes de TV**

#### **Páginas 49-50**

O coronel Eduardo Félix, comandante da Tropa de Choque da Polícia Militar Paulista e superior do GATE, fala aos jornalistas. Segundo ele, as negociações regrediram:

- Ele está se sentindo um reizinho. Vai se entregar quando quiser. Minha tropa está lá há três dias.

São seis da tarde. Após abrir o programa Brasil Urgente, na Band, José Luiz Datena, pondera:

- Eu poderia até conversar com ele (Lindemberg) por telefone. Mas eu não vou fazer isso. Isso não é a minha função, é função da polícia. Não posso extrapolar a função da polícia. De repente acontece uma tragédia aí... Eu posso atrapalhar a negociação. Eu não vou fazer isso. Não vou cometer a imprudência de ligar para o rapaz. Eles (policiais) são preparados para isso. Se existem pessoas irresponsáveis a ponto de conversar com um rapaz em uma situação como essa, elas que respondam pelas consequências. [...] Nós, jornalistas, não temos condições de conversar com essas pessoas num momento como esse. Uma palavra mal colocada pode causar uma tragédia. [...] Não é por causa da audiência que nós vamos jogar a credibilidade do nosso programa fora. [...]

Após a entrevista coletiva, o comandante da Tropa de Choque fala com Datena.

**Datena:** Isso atrapalha ou não atrapalha a polícia?

**Comandante:** É claro que atrapalha. Desde segunda-feira (13/10/2008) fornecemos informações à imprensa por meio de coletivas. Algumas imagens gravadas sobre a posição do policial do GATE colocam em risco a vida dele. Eu pediria: façam as imagens, mas joguem as imagens no ar após o conflito estar resolvido.

**D:** Eu tenho essas imagens aqui e não dei. Não vou dar. Porque queremos um final feliz. Eu quero que o senhor me coloque bem isso aí. Como é o negociador, como são os negociadores? São homens especiais de um grupo especial que falam com o cidadão. Não é qualquer policial que fala! Então, aparece um jornalista para se meter a besta e falar com o sujeito. Ele (Lindemberg) pode matar a moça a qualquer momento e se matar.

**C:** Esse fato em especial fez com que houvesse um atraso. Às duas horas da tarde, já estava acertado com o rapaz que a moça iria almoçar e nós fornecemos o almoço dela. Ia almoçar e em seguida ela iria sair e ele iria se entregar para nós.

Isso foi um acordo entre ele, o negociador e o irmão da vítima. O que ocorre, após a entrevista, ele de certa forma até agora não quer mais saber disso. Ele fala: eu vou sair quando eu quiser.

**D:** Quer dizer que a primeira entrevista atrapalhou?

**C:** Exatamente!

**D:** E se fizerem a entrevista agora estão colocando em risco a vida dos dois aí dentro e mais, dos policiais militares. O senhor ratifica o que estou falando?

**C:** Ratifico e peço ainda mais atenção: além das imagens que eu disse e da entrevista, evitem fazer comentários a respeito da condição psicológica dele e da vítima, e também do futuro penal dele [...].